

Inanna/Ishtar – uma deusa de simultâneas formas

*Elaine Neunfeldt**

RESUMO

A deusa Inanna sumero-mesopotâmica tem sua identidade misturada com Ishtar do mundo acádico, semítico. É uma deusa caracterizada pela simultaneidade de manifestações e características. Ela é associada com o amor livre, com a fertilidade das pessoas, dos animais e das plantas. Ela dá e toma os poderes da vida, corporificando os poderes femininos da vida-morte. É a deusa do amor e da atração sexual, que fortalece e garante a fertilidade. Em outros momentos, assume funções de deusa da guerra e da morte, ou ainda pode ser associada com o planeta Vênus, a deusa Astarte, sendo chamada de Rainha dos Céus.

Palavras-chave: deusa da fertilidade, Ishtar, Astarte, rainha dos céus, deusa do amor e da atração sexual.

Inanna/Ishtar – a goddess of simultaneous forms

ABSTRACT

The Sumeric Mesopotamian Goddess Inanna is connected with Ishtar a goddess of the Acadic, Semitic world. She is associated with free love, fertility of people, animals and plants. She gives and takes life, as such

* É Pastora da IECLB. Professora da Cátedra de Teologia Feminista de EST – Escola Superior de Teologia, de Sao Leopoldo. Diretora adjunta do Cebi. Centro de Estudos Bíblicos. Mestra na área bíblica sobre as leis de pureza e impureza do Levítico, e doutorado sobre as experiências religiosas ilícitas na profecia, a partir de Ez 8 e 13. 17 a 23. [elainenf@terra.com.br]

incorporating female powers of life and death. She also assumes roles as a goddess of war and death and is sometimes related to Venus, Astarte, the so called Queen of Heavens.

Keywords: goddess of fertility, Ishtar; Astarte, queen of heavens, goddess of love and sexual attraction.

Inanna/Ishtar – una diosa de simultâneas formas

RESUMEN

La Diosa Inanna sumero-mesopotámica tiene su identidad mezclada con Ishtar del mundo acádico semítico. Es una Diosa caracterizada por la simultaneidad de manifestaciones y de características. Ella es asociada con el amor libre, con la fertilidad de las personas, de los animales y de las plantas. Ella dona y retoma los poderes de la vida, corporificando los poderes femeninos de la vida-muerte. Es la Diosa del amor y de la atracción sexual que fortalece y garantiza la fertilidad. En otros momentos asume funciones de Diosa de la guerra y de la muerte, o puede ser aun asociada al planeta Venus, la Diosa Astarte, siendo llamada la Reina de los Cielos.

Palabras-claves: diosa de la fertilidad; Ishtar; Astarte; reina de los cielos; diosa del amor y de la atracción sexual.

Quem é essa deusa?

Inanna/Ishtar é a deusa mesopotâmica mais importante de todos os períodos. Seu nome sumério é, às vezes, traduzido como “A Dama dos Céus” (BLACK & GREEN, 1992, 118). É considerada filha do Deus lunar Nanna/Sîn e Ningal e irmã de Utu/Shamash, o Deus solar (ABUSCH, 1999, 452).

Inanna é também conhecida como a Ishtar semítica. Seu nome era escrito com um sinal representando um feixe ereto de juncos com o topo recurvo. Ela representa a mulher não domesticada. Ela é "... a mulher que não se comporta conforme os meios aprovados pela sociedade, a deusa que modela a transgressão das linhas fronteiriças de gênero e o perigo que isso representa" (FRYMER-KENSKY, 1992, 25). Ela é conhecida na literatura da Suméria como a deusa do desejo e da atração sexual. Também é relacionada com o amor, a fertilidade e a guerra. Seu nome também pode ser "Rainha dos Céus", e, às vezes, ela assume a personificação do planeta Vênus. Outras vezes, seu símbolo é uma estrela de oito pontas. Ela pode ser retratada como uma bem vestida deusa e, outras vezes, como uma mulher nua (LINDEMANS, 2002).

Ao contrário de Uttu, deusa mesopotâmica da tecelagem, que tem um rol ativo e específico no mundo doméstico, Innana não tem um espaço definido. Está capacitada a se mover em muitos âmbitos e lugares, mas não é específica de nenhum, o que é, em efeito, paradoxal. Essa habilidade de adaptar-se a muitos espaços lhe confere muito poder, mas, contraditoriamente, não controla ou ajusta nenhum desses espaços. Ela não é mãe e não assume funções maternais ou domésticas, não tem rol no âmbito da casa, não têm possibilidades de ser domesticada. Parece que representa, por um lado, o anseio de liberdade e autonomia para as mulheres, mas, por outro lado, pode ser a imagem da mulher atribulada, sem raízes próprias e definidas, que realiza o trabalho doméstico, não remunerado, não reconhecido e não ativo no quadro econômico-produtivo (FRYMER-KENSKY, 1992, 27).

Muitos textos se referem aos cultos e rituais da deusa, em relação às diferentes fases da lua ou ao aparecimento e desaparecimento do planeta Vênus. É provável que o pessoal encarregado era composto, provavelmente, de um contingente de transexuais ou homossexuais, além das mulheres que fugiam dos rígidos padrões de casamento na

sociedade patriarcal da época. No poema de Erra, há uma alusão a essas práticas em relação à cidade de Uruque:

Até Uruque, morada de Anu e Ishtar, cidade de prostitutas, cortesãs e vagabundas a quem Ishtar privou de seus maridos e manteve-me seu poder, homens e mulheres sutianos lançam-lhes injúrias; eles incitam Eanna, os estróinos e festeiros que transformaram a masculinidade em feminilidade para induzir a gente de Ishtar a reverenciá-la (LEICK, 2003, 81).

Esse poder de agir sobre a fertilidade e a sexualidade é tema recorrente nos poemas sobre a deusa. No poema Descenso de Ishtar, que é a versão acadêmica do Descenso de Inanna, diz-se que depois que a deusa desce ao submundo

O touro não salta sobre a vaca, o jumento não fertiliza sua fêmea.

Na rua, um homem não engravida uma moça.

O homem fica deitado em sua própria cama.

A mulher fica deitada no seu lado. (FRYMER-KENSKY, 1992, 47)

Simultaneamente, ela aparece com uma inocência sexual de uma virgem:

Eu sou aquela que não sabe aquilo que é feminino – copular,

Eu sou aquela que não sabe aquilo que é feminino – beijar,

Eu sou aquela que não sabe copular,

Eu sou aquela que não sabe beijar (FRYMER-KENSKY, 1992, 26).

Essa função sexual da deusa Inanna, visível nos poemas, é o que garante a fertilidade, a abundância e a produtividade na agricultura. Mas, contraditoriamente, na sua relação com o deus Dumuzi, ele é quem assume as funções de provedora de comida. Contudo, Innana existe e é cultuada de forma independente e autônoma antes de ser relacionada com o deus Dumuzi (FRYMER-KENSKY, 1992, 26).

T. Abush sugere que há um poder subjacente a todas as formas de manifestações da deusa.

Este poder original era, com efeito, uma deusa da terra que compartilhava e gerava ambas, morte e vida. Para usar um evocativo, senão um jargão, a deusa era ambos, útero e túmulo. Sua natureza e comportamento são características de um tipo de divindade primitiva da terra, que era simultaneamente a fonte de fertilidade e vida, bem como a causa da morte. Ela é receptáculo dos mortos e a mãe dos que vivem. Ishtar dá e toma a força e poder da vida. Ela incorpora o princípio feminino. Mas como outras deusas primitivas ou mães, ela não precisava de um macho, pois continha em si mesma todos os estágios e formas de vida e morte. Ela projeta ou personifica simultaneamente o medo da morte e o despertar do interesse sexual (ABUSCH, 1999, 454).

Essa característica primordial de simultaneidade, em que características contrapostas não se excluem, mas formam um todo, aos poucos é ocupada por uma visão dicotômica e excludente. A deusa perde sua capacidade dinâmica e de movimento, devido a uma concepção binária e antagônica de suas características: o amor e a vida são, agora, a oposição de ódio/morte, assim como o sexo da guerra, o masculino do feminino (ABUSCH, 1999, 455).

Innana/Ishtar – consorte de Tammuz

Em uma versão dos mitos Inanna/Ishtar é consorte do deus Dumuzi. Tammuz conhecido como Dumuzi, na Suméria (a partir do terceiro milênio a.E.C.). consorte e irmão de Inanna/Ishtar, que, em uma das versões do mito, chora a sua morte/descida ao mundo subterrâneo. Com a mitologia ligada fertilidade, Tammuz morre no verão, na época da seca, descendendo ao submundo. Em julho, no mês que leva seu nome, as mulheres choram sua morte, com a finalidade de traz-lo de volta, para garantir a fertilidade e a fartura, o que acontece no início da época das chuvas.

A experiência do prazer no gosto da comida e do amor uma das manifestações do divino em Tammuz. As metforas do âmbito da comida, como degustar e saborear a comida, dialogam com o âmbito da sexualidade, como o apetite, a

fome, o desejo de comer o amado, quando o relacionam com doura, delícia e mel. Essas imagens se encontram em alguns trechos dos hinos de Inanna/Ishtar, como o hino em oração a Damu: *Sua voz cheia de delicias, seus membros estão cobertos de coisas deliciosas* (JACOBSEN: 1970, 79). Os lamentos fúnebres do culto de Tammuz estão claramente conectados com a preservação da vegetação garantindo o alimento e a fartura, especialmente demonstrado nas referências ao crescimento da cevada, das árvores, dos pomares, do gosto do mel, do vinho e de tudo o que bom e sustenta a vida (JOST: 1981, 178).

Em outro hino, Innana canta e mistura o gosto, o delicioso sabor da comida com imagens e metáforas do amor: ¹

Ele brotou; ele germinou;
Ele alface plantada na água.
Ele aquele que meu útero mais ama.
Meu jardim bem-provido da planície,
Minha cevada crescendo alto em seu sulco,
Minha macieira que agüenta seu fruto at sua coroa,
Ele alface plantada na água.
Meu homem-mel, meu homem-mel sempre me adoça.
Meu senhor, o homem-mel dos deuses,
Ele aquele que meu útero mais ama.
A mão dele mel, o p dele mel,
Ele sempre me adoça.
Meu impetuoso e ansioso acariciador do umbigo,
Meu acariciador das coxas macias,
Ele aquele que meu útero mais ama,
Ele alface plantada na água.

Misturando amor e comida, como elementos de poder vital, Tammuz se manifesta, também, no leite, que condiz com seu epíteto de pastor, ou touro selvagem, (JACOBSEN, 1976, 53). A manifestação dessa característica descrita como brevidade e perda, pois o leite se caracteriza pela não durabilidade, mas por ser de um tempo e de uma poca determinada. No culto de Dumuzi, o pastor marcado pela característica de temporada,

1. HYMN from Inanna to Tammuz. Disponível em: <http://www.piney.com/BabHymInTam.html>

de alegria pela chegada e renascimento, mas com um prenúncio de morte (JACOBSEN, 1970, 83).

O mito do casal divino é muito parecido com o mito egípcio de Ísis e Osíris. Dumuzi ou Tammuz, deus da colheita, da vida camponesa e pastoril, morre a cada fim de colheita, no final da época fértil. Innana, sua irmã, e a mãe de Tammuz choram sua morte. Inanna desce ao mundo dos mortos em busca de seu esposo, mas, como não o encontra, regressa sozinha. Esse ritual é desenvolvido a cada metade do ano, no final da época das chuvas, e é protagonizado especialmente por mulheres (JACOBSEN, 1970, 90-1).

Os textos que cantam o namoro de Dumuzi com Innana foram cantigas populares e poderiam ser recitadas por mulheres, enquanto estavam em suas funções produtivas de fiar, tecer ou, talvez, em momentos de dança. Em algum momento, elas poderiam exercer uma função específica profissional para a qual receberam formação, como cantoras ou sacerdotisas (JACOBSEN, 1976, 27; JOST, 1981, 176). Um texto de casamento que forma parte de um ritual no qual o rei assume a função do Deus, e Innana figura como a rainha do palácio, quer representar a sacralidade dos armazéns da colheita. Provavelmente, a própria rainha ou uma sacerdotisa assumia a identidade da deusa Innana.

Inanna e o mundo dos mortos

Há outra versão do mito de Inanna/Ishtar, que mostra uma relação conturbada e conflituosa com o deus Tammuz (PENGLASE, 1994, 15-48). Inanna decide ir ao mundo dos mortos, sozinha, pois quer estabelecer poder sobre esse lugar, a partir do conhecimento da realidade do submundo. Ereshkigal é soberana do submundo. A entrada de Inanna é permitida, desde que, a cada uma das sete portas que deve passar, ela deixe uma peça de suas vestimentas. Seus véus representam seu poder. Ao transpassar pela última porta, a deusa se encontra desnuda e sem poder, ficando sob o controle dos demônios guardadores do submundo.

Quando Ereshkigal se levanta de seu trono, Inanna aproveita e se senta, tomando, assim, o lugar da que tem poder, conquistando-o para si. Esse ato de usurpação de poder resulta-lhe no castigo da morte. Ela é pendurada em um gancho, no qual passa três dias e três noites. Antes de partir, Inanna havia traçado combinações de um plano de resgate com sua serva, Ninshubur. Essa busca ajuda a resgatar Inanna com Enlil, que, em algumas versões, aparece como pai de Inanna. Contudo, ele decreta que o que Inanna está passando é devido à sua vontade de ter poder, não só no mundo de cima, mas também no submundo. Se ela se contentasse com o poder que conquistou no mundo terrenal, não estaria sofrendo a morte no mundo de baixo.

Inanna recebe ajuda de Enki, deus da sabedoria. Ninshubur recupera o corpo de Inanna e, com ajuda de duas criaturas enviadas por Enki, devolve-lhe a vida dando-lhe de comer da árvore/planta da vida. Contudo, o trato com os guardiões do submundo para efetuar a retirada da deusa é feito sob o acordo de que alguém deve substituí-la. No caminho de volta à sua casa, Nishubur, sua serva fiel e solidária, é requisitada para substituí-la. Inanna intervém, não permitindo. Tampouco permite que seus cabeleireiros sejam levados como substitutos no submundo. Pois tanto a serva quanto os profissionais de beleza haviam lamentado e chorado muito sua morte.

Por fim, Inanna se encontra com seu amado, Dumuzi, que está confortavelmente sentado em um trono, sob uma macieira, vestindo roupas magnificentes. Ele se encontra feliz. Não lamentou e nem chorou a morte de Inanna. Ela, enraivecida, entrega o marido aos guardiões do submundo para que o levem como seu substituto. Dumuzi lamenta, chora, pede intervenção de seu cunhado, Utu, que o transforma em uma cobra para que escape. Mas, finalmente, Dumuzi é feito refém, levado para o submundo. Ainda consegue estabelecer um acordo com sua irmã, Geshtinanna, para que se revele com ele metade do ano. Assim, em uma metade do ano o deus da

vegetação, da fertilidade e do pastoreio morre, fica no submundo; em outra metade, ele é substituído por sua irmã.

O poder é a questão central no mito. Almejando-o mais, Inanna empreende uma jornada ao submundo. É o poder que está em jogo, quando se decretam vidas e mortes. Inanna tem, agora, o poder de decretar quem deve morrer e quem pode seguir vivendo. Sua descida foi de bom êxito. Ela tem poder de mandar para o submundo, pois teve poder para voltar de lá.

Inanna e suas múltiplas formas

Apesar de estar conectada com Dumuzi, não o torna seu consorte permanente. Inanna é a deusa do amor livre, e, portanto, não aparece como esposa de outro deus em nenhum mito. Sua ligação com Tammuz/Dumuzi é conturbada. O amor e o ódio aparecem na relação, pois, assim como canta seu amor, assim também revela sua independência e seu desprezo por ele, decretando sua morte (BLACH & GREEN, 1992, 108-9).

Na epopéia de Gilgamesh, aparece destacado essa postura independente da deusa Ishtar (nome acadêmico). Ao ver a beleza de Gilgamesh, a deusa Ishtar diz:

Vem até mim, Gilgamesh, e serás o meu noivo; concede-me a semente do teu corpo, deixa-me ser tua noiva e serás meu marido. Mandarei aparelhar para ti um carro de lápis-lazúli e de ouro, com rodas de ouro e cometas de cobre; e terás os poderosos demônios da tempestade como mulas de tiro. Quando entrares na nossa casa, na fragrância do cedro, o limiar e o trono beijarão teus pés. Reis, governantes e príncipes se inclinarão diante de ti; eles te trarão tributo das montanhas e das planícies. As tuas ovelhas pingarão gêmeos, e as tuas cabras crias triplas; os teus bois não terão rivais e os cavalos do teu carro serão famosos pela sua velocidade.

Diante desse convite, Gilgamesh responde:

Se te tomar em casamento, que presentes te poderei dar em troca? Que unguentos e que roupas para o teu corpo? Alegrementemente te daria a beber vinho próprio de uma

rainha. Derramaria cevada para encher o teu celeiro; mas fazer de ti minha mulher, isso não quero. Que seria de mim? Os teus amantes acharam-te um braseiro que arde lentamente no frio, uma porta de traseiras que não evita uma rajada do vento nem a tempestade, um castelo que esmaga a guarnição, breu que enegrece o que o transporta, um odre que arranha o carregador, uma pedra que cai do parapeito, um ariete virado contra nós pelo inimigo, uma sandália que faz tropeçar quem a usa. Qual dos teus amantes amaste tu para sempre? Qual dos teus pastores te agradou sem fim? Ouve-me enquanto eu conto a história dos teus amantes. Foi Tammuz o amante de tua juventude, para ele decretaste lutos, ano após ano...

E segue uma lista de atitudes da deusa contra seus amantes, que revelam seu lado amante e fatal. Deusa que conquista e que decreta a morte e destruição de seus amados.

As diversas facetas da deusa, que são reveladas em diferentes versões do mito, mostram características que alargam seu campo de atuação. Inanna é uma deusa ligada a questões de fertilidade, de amor, de guerra. Por um lado, o mito tem a ver com questões familiares, com amor e casamento, com relações familiares, entre irmão, entre marido e mulher, entre filhas e pais. Apresenta essas relações de uma forma não harmônica, nem idealizada. Traz à tona seus conflitos e jogos de poder. Por outro lado, as nuances do mito revelam as atuações de uma deusa independente, muito livre, despojada, sem limites, que não se enquadra nos parâmetros estabelecidos pela cultura patriarcal, com a esfera reprodutiva e maternal como campo de atuação das mulheres. Inanna rompe o âmbito privado e irrompe com as questões privadas para dentro do mundo da produção.

Inanna é a deusa que sustenta um potencial erótico tipificado na vida cidadina. Ela frequenta tavernas e cervejarias rompendo com estruturas que enquadram os espaços e as ações consideradas femininas (LEICK, 2003, 82).

Inanna e o mundo da produção

Outro aspecto de Inanna, que representa o poder no armazém/depósito da colheita, esta-

belece uma conexão da divindade com a agricultura, no âmbito da colheita de grãos, com a lã ou, até mesmo, com a carne. Dumuzi, seu consorte, pode representar diferentes aspectos: pastor de ovelhas ou o poder na seiva da tamareira. Contudo, Innana pode ainda ter um espectro maior de características do que aquelas que a relacionam com Dumuzi. Ela pode se manifestar no poder da chuva ou da tormenta. Aqui, ela aparece montada em um leão, ou em sete leões, que conduzem sua carruagem. É chamada de "Innana, a temerosa tempestade dos céus". Em outros momentos e hinos, ela é saudada como deusa da guerra. Ainda pode ser a deusa da Estrela da Manhã e da Noite. Em conexão com a Estrela da Manhã, ela transforma-se em meretriz. Innana é a protetora das prostitutas e das casas de prostituição (JACOBSEN, 1976, 135-6).

Ishtar e a Rainha dos Céus

A partir dessas diversas identidades e caracterizações, Innana, às vezes, é identificada com a deusa Ishtar do leste semítico. Lá, seu nome é *Attar*, que é a divindade masculina da Estrela da Manhã. No leste semítico, onde a agricultura em tempos de seca só é possível com irrigação, diz-se que Attar assume o lugar de Baal, o deus da chuva e da tempestade. A contraparte feminina é Astarte, deusa da Estrela da Noite, da guerra e do amor. Essas características mostram a identificação e o empréstimo que acontece entre divindades de diferentes regiões geográficas (JACOBSEN, 1976, 140-1).

Na Bíblia, há uma possível referência a Inanna/Ishtar na polêmica que o profeta Jeremias trava com as seguidoras da Rainha dos Céus. O culto Rainha dos Céus, denunciado pelo profeta Jeremias nos capítulos 7. 16-20 e 44.15-19,25, reúne características tanto de Astarte quanto de Ishtar. Seu ritual pode ser de estilo doméstico, com a participação familiar, de crianças, homens e mulheres, assando bolos sagrados, ou de cunho mais institucionalizado, público, como atesta um

templo dedicado Rainha dos Céus, no Egito, do quinto século (ACKERMAN, 1989, 117). Uma das manifestações de Tammuz como pastor, que cuida da fertilidade dos rebanhos, que confere poder de vida ao leite e aos seus produtos. No pico de Gilgamesh, há uma evidência de que Tammuz prov para sua amada Ishtar bolos feitos em cinzas. Os *kamânu*, os bolos que são feitos para a Rainha dos Céus, são associados com o culto a Ishtar na Mesopotâmia como alimento básico dos pastores (ACKERMAN, 1992, 33-4).

As evidências arqueológicas sustentam a forma de culto com bolos e queima de incenso. Na Mesopotâmia e na Síria, foram encontradas fôrmas/moldes de bolo com contornos de mulher e estrela. No palácio de Mari, no Eufrates, 47 dessas fôrmas foram encontradas. A cena do ritual sagrado de assar bolos também foi descoberto em um selo fenício: quatro mulheres trabalhando no forno e preparando a oferta (GERSTENBERGER, 1996, 15). A quem eram oferecidos os bolos e o incenso ainda permanece como controvérsia. Mas há uma forte tendência que se inclina por Astarte. Astarte aparece nos textos ugaríticos como a consorte de Baal (assim como Anat) e, no Antigo Testamento, a maioria das vezes, aparece como Ashtoreth, no singular (1Rs 11. 5,3 e 2Rs 23.13) a rainha dos Sidônios e Ashtaroth, no plural (1Sm 31.10, 1Cr 10.10) como deusa associada com a guerra (DAY, 1992, 492).

Ackerman (1989: 112) sugere que a Rainha dos Céus uma combinação de Ishtar do leste semítico e Astarte do oeste. Astarte também recebe o título "Rainha dos Céus e, em textos egípcios do Novo Império, ela recebe o título de "Dama dos Céus. Na inscrição de Kition, em que se lista a contribuição mensal ao seu templo, ela chamada de A Santa Rainha e A Rainha. Aqui há a menção, também em uma inscrição, de dois padeiros ou duas padeiras, que assaram uma cesta de bolos para a Rainha.

Bibliografia

- ABUSCH, T. Inanna/Ishtar. In.: TOORN, Karel van der; BECKING, Bob, HORST, Pieter W. van der. (Eds.) *Dictionary of Deities and Demons in the Bible*. DDD. Leiden/Boston/Köln: Brill. 1999, p. 452-6.
- ACKERMAN, Susan. And the Woman Knead the Dough: the worship of the queen of Heaven. In six-century Judah. DAY, Peggy. (Ed.) *Gender and difference in Ancient Israel*. Minneapolis: Fortress Press: 1989, p. 109-24.
- _____. *Under Every Green Tree*. Popular religion in sixth-century Judah. Atlanta: Scholars, 1992.
- BLACK, Jeremy & GREEN, Anthony. *Gods, Demons and Symbols of Mesopotamia*. an illustrated dictionary. London: British Museum, 1992.
- DAY, John. Ashtoreth. In. FREDMANN, David Noel (Ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. vol. 1. New York/London/Sidney/Auckland: Doubleday, 1992, p. 586-87.
- FRYMER-KENSKY, Tikva. *In The Wake Of The Goddesses: women, culture and the biblical transformation*. New York: Fawcett Columbine, 1992.
- GERSTENBERGER, Erhard S. *Yahweh - The Patriarch: ancient images of God and feminist theology*. Minneapolis: Fortress, 1996.
- GILGAMESH, rei de Uruk: épico sumério. Trad. Pedro Tumen. São Paulo: Ars poética, 1992.
- HYMN from inanna to Tammuz. Disponível em: <http://www.http://www.piney.com/BabHymInTam.html>. [s.d.].
- JACOBSEN, Thorkild. *The Treasures of Darkness: a history of mesopotamian religion*. New Haven/London: Yale University, 1976.
- _____. *Toward the image of Tammuz and other Essays on Mesopotamian History and Culture*. Cambridge: Harvard University, 1970.
- JOST, Renate, SEIFERT, Elke. Das Buch Ezechiel. Männerprophetie mit weiblichen Bildern. In. *Kompendium Feministische Bibleauslegung*. Chr. Kaiser: Gütersloher. Verlaghaus. 1981, p. 278-90.
- LEICK, Gwendolyn. *Mesopotâmia: a invenção da cidade*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 82.
- LINDEMANS, Micha F. Isis. In: *Encyclopedia Mythica Online*. Disponível em: <http://www.pantheon.org/articles/i/isis.html>>. Acesso em: 20 abr. de 2002.
- PENGLASE, Charles. *Greek Myths and Mesopotamia. parallels and influence in the homeric hymns and hesiod*. London: Routledge, 1994.